

Fatores associados a automedicação em adultos e a importância do profissional farmacêutico

Factors associated with automedication in adults and the importance of the pharmaceutical professional

DOI:10.34117/bjdv8n11-294

Recebimento dos originais:24/10/2022

Aceitação para publicação: 25/11/2022

Aline Ketlen Barbosa de Lima

Graduanda em Farmácia pelo Centro Universitário Ingá (UNINGÁ)

Instituição: Centro Universitário Ingá (UNINGÁ)

Endereço: Rodovia PR 317, 6114, Parque Industrial, Maringá – PR,

CEP: 87035-510

E-mail: Aline_ketlen@outlook.com

Tânia Mara Antonelli-Ushirobira

Doutora em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Estadual de Maringá

Instituição: Centro Universitário Ingá (UNINGÁ)

Endereço: Rodovia PR 317, 6114, Parque Industrial, Maringá – PR,

CEP: 87035-510

E-mail: prof.taniaushirobira@uninga.edu.br

RESUMO

Automedicação é o ato de utilizar medicamentos sem que haja prescrição de um profissional habilitado. Esta ingestão de fármacos de forma irracional pode ocasionar diversos problemas à saúde. Assim, este estudo teve como objetivo averiguar os principais fatores que levam à automedicação e a importância da orientação farmacêutica para estas pessoas. A pesquisa contou com a participação de 103 pessoas, sendo 73 do sexo feminino (70,9%) e 30 do sexo masculino (29,1%), sendo a maioria dos entrevistados pessoas não vinculadas à área da saúde. Grande parte dos entrevistados se automedicaram nos 30 dias anteriores à pesquisa e alguns apresentaram reações adversas, corroborando com um dos principais problemas atribuídos a essa prática. Sintomas considerados leves ou apresentados em outro momento foi o principal fator contribuinte para a busca por medicamentos sem prescrição. Mesmo o farmacêutico sendo considerado profissional importante para orientações, poucas pessoas utilizam seus conhecimentos na rotina de cuidados com a saúde, o que pode ser observado pelo número de pessoas que relatam ter se automedicado.

Palavras-chave: automedicação, farmacêutico, fármacos.

ABSTRACT

Self-medication is the act of using medication without a prescription from a qualified professional. This irrational intake of drugs can cause several health problems. Thus, this study aimed to investigate the main factors that lead to self-medication and the importance of pharmaceutical guidance for these people. The survey had the participation of 103 people, 73 females (70.9%) and 30 males (29.1%), with the majority of respondent's people not linked to the health area. Most of the interviewees self-medicated in the 30

days prior to the survey and some had adverse reactions, corroborating one of the main problems attributed to this practice. Symptoms considered mild or presented at another time was the main contributing factor to the search for over-the-counter medications. Even though the pharmacist is considered an important professional for guidance, few people use their knowledge in the health care routine, which can be observed by the number of people who report having self-medicated.

Keywords: self-medication, pharmacist, drugs.

1 INTRODUÇÃO

Medicamentos são produtos farmacêuticos, tecnicamente obtidos ou elaborados, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico (BRASIL, 1973). Com o avanço tecnológico, houve um crescimento na variedade de fármacos disponíveis no mercado, voltados para o tratamento de doenças já existentes e para as que vão surgindo ao longo do tempo. Assim, indústrias farmacêuticas buscam inovar cada vez mais, produzindo medicamentos que atuem de forma rápida sobre as dores que mais atingem a população, como dores musculares e cefaleias, por exemplo. Juntamente com este aumento da disponibilidade e variedade de medicamentos, ocorre um aumento no estoque de fármacos nas residências, o que favorece consequentemente a prática da automedicação (NETO, SILVA, 2020; SCHMID, 2010).

A automedicação possui como definição o uso indiscriminado de medicamentos sem que haja a prescrição de um profissional habilitado, sendo considerados estes médicos e dentistas (BRASIL, 2001). O farmacêutico é o profissional responsável pelo acompanhamento e orientação da população, com o intuito de tornar o tratamento do paciente e a automedicação uma prática mais segura e responsável possível. Assim, a atuação deste profissional é de suma importância para que diminua a ocorrência e os riscos inerentes da prática de se automedicar (ANDRADE et al., 2021).

Fatores como o aumento de doenças crônicas, dificuldade ao acesso de serviços de saúde, fácil acesso a possíveis diagnósticos na internet e a medicamentos, vem contribuindo para o aumento da prática da automedicação indevida. Este uso irracional de medicamentos implica em diversos problemas a saúde, como: maior resistência do organismo e dos patógenos aos fármacos; intoxicações; reações adversas e interações medicamentosas. Outra problemática atrelada a automedicação é que esta prática pode mascarar doenças sérias, podendo muitas vezes levar a um prognóstico negativo pela demora do diagnóstico. A automedicação pode levar ainda a um aumento dos gastos

públicos com profissionais, exames e medicamentos utilizados para o tratamento de doenças que são mascaradas por esta prática (SHALINI; LOGARAJ, 2021). Por outro lado, a prática da automedicação quando realizada de forma consciente, com o acompanhamento e orientação de um profissional farmacêutico, pode diminuir a congestão dos serviços públicos de saúde e conseqüentemente gerar uma economia para o sistema de saúde, pois este profissional é capaz de pesquisar o paciente e assim identificar, orientar e encaminhar, caso haja necessidade do atendimento médico (SCHMID et al., 2010).

Como a ocorrência da automedicação parece aumentar todos os dias, e as conseqüências trazidas por ela são de suma importância, o aumento desta prática vem levando a uma necessidade de ações que visem o aconselhamento e orientação da população para o mal que esta prática pode causar (SHALINI; LOGARAJ, 2021). E neste cenário, estudos que demonstrem os fatores e a prevalência da automedicação em adultos no Brasil são escassos, sendo cada vez mais importantes e necessários para o conhecimento da ocorrência e do perfil desta população que realiza a automedicação. Assim, estes estudos poderão ser utilizados para nortear e induzir a realização de políticas públicas que busquem diminuir a incidência desta prática, e orientar a população sobre os riscos inerentes de se medicar sem o acompanhamento de um profissional habilitado. Estes estudos podem ainda aumentar a discussão sobre o tema em meios públicos e privados, contribuindo para uma maior visibilidade, discussão e conhecimento do tema, por um maior número de pessoas possíveis. Assim, este estudo possui como objetivo levantar os principais fatores que levam a prática da automedicação em adultos e a importância da orientação farmacêutica para estas pessoas.

2 OBJETIVOS

Este estudo possui como objetivos avaliar a principal causa e os principais sintomas que levaram as pessoas a se automedicarem; levantar se houve um aumento da automedicação após o início da pandemia; comparar a incidência da automedicação em homens e em mulheres e avaliar qual a importância do profissional farmacêutico para os participantes da pesquisa.

3 METODOLOGIA

O estudo foi realizado com 103 pessoas adultas com idade entre 18 a 65 anos, a maioria não vinculada a área da saúde, escolhidas aleatoriamente, e que residiam na cidade de Maringá/PR e região metropolitana. A coleta de dados ocorreu no período de agosto a setembro de 2022, através da aplicação de um questionário, pela plataforma Google Forms, cujo link de acesso foi enviado por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp para as pessoas que aceitaram participar da pesquisa. Todos os participantes que aceitaram participar da pesquisa tiveram acesso ao Termo Livre e Esclarecido, que esclarecia a pesquisa e garantia que as respostas individuais seriam mantidas de forma totalmente anônima e sigilosa.

O questionário aplicado contava com perguntas objetivas de múltipla escolha e de respostas curtas, sendo que algumas questões o participante poderia escolher mais de uma alternativa. A aplicação do questionário teve como intuito o levantamento de dados sobre a ocorrência da automedicação nos 30 dias que antecederam a pesquisa e das motivações que levaram este paciente a realizar automedicação, além de avaliar a importância que o profissional farmacêutico e suas orientações possuíam para estas pessoas.

Para a análise dos dados, foram excluídos os questionários com inconsistências e os quais os participantes alegaram não se automedicar. Para maior compreensão após a análise, os dados foram organizados em tabelas e gráficos, para facilitar a visualização e discussão dos resultados obtidos. As informações obtidas foram comparadas com trabalhos similares disponíveis nas bases de dados.

4 RESULTADOS

Da população adulta residente em Maringá-PR e região metropolitana, 127 pessoas foram convidadas a participar da pesquisa e 103 pessoas (81,10%) aceitaram responder ao questionário. Destes, 77,1% (80 pessoas) relataram ter ingerido medicamentos sem prescrição ou orientação de um profissional habilitado nos 30 dias que antecederam a pesquisa, sendo estes os dados utilizados para análise. Dentre os que se automedicaram 70% foram do sexo feminino (56 mulheres) e 30% do sexo masculino (24 homens). Dos participantes, 45 possuíam idade entre 18 a 33 anos (56,25%); 22 tinham entre 34 a 49 anos (27,5%) e 13 possuíam de 50 a 65 anos (16,25%), dados demonstrados na tabela 1. Destes participantes, 13 (16,3%) apresentaram alguma reação adversa ao ingerir medicamentos sem orientação. Com relação a frequência da

automedicação, 58 pessoas (72,5%) relatam um aumento na ocorrência da automedicação após o início da pandemia.

Tabela 1 - Relação de entrevistados por sexo e idade.

Faixa etária	Sexo feminino		Sexo Masculino	
	n	%	n	%
18 - 33 anos	30	37,5	17	21,25
34 - 49 anos	16	20	4	5
50 - 65 anos	10	12,5	3	3,75
	56	70	24	30

Fonte: Os autores

Quanto aos fatores que levaram a prática da automedicação (Figura 1), 48 dos entrevistados (60,8%) apontam que sintomas já apresentados em outros momentos contribuíram para a automedicação e 46 pessoas (58,2%) relataram que sintomas considerados leves foram determinantes para a busca por medicamentos sem prescrição de um profissional. Relacionado aos sintomas que levaram a ingestão de medicamentos de forma indevida (Tabela 2), 61 dos entrevistados (77,2%) apontam dor de cabeça, 46 (58,2%) atribuem dores musculares, e 43 pessoas (54,4%) elencam alergias ou congestão nasal como causas para automedicação.

Figura 1 - Fatores que levaram a prática da automedicação

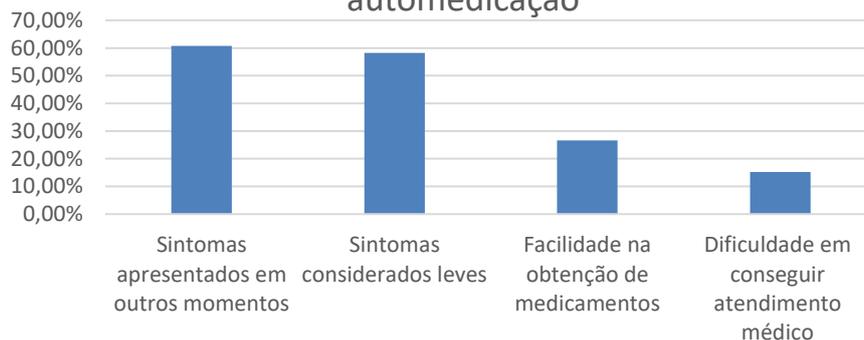


Tabela 2 - Sintomas que levaram a automedicação

sintomas	n	%
Dor de cabeça	61	77,2
Dores musculares	46	58,2
Alergias ou congestão nasal	43	54,4
Dor de garganta	36	45,6
Dores estomacais; Azia ou má digestão	26	32,9

Febre	23	29,1
Cólicas menstruais	22	27,8
Suplementação vitamínica	20	25,3
Vômito ou diarreia	15	19
Ansiedade ou estresse	14	17,7
Insônia	12	15
Irritação; Ardência ou vermelhidão nos olhos	11	13,9
Intestino preso	10	12,7
Dor de dente	8	10,1
Contracepção de emergência	5	6,3
Infecções na pele	4	5,1
Hemorroidas	3	3,8
Outros: Liraglutida	1	1,3

Fonte: Os autores

O Farmacêutico foi considerado por todos os participantes da pesquisa um profissional de extrema importância para a sociedade, porém apenas 31 dos entrevistados (38,8%) sempre procuram orientações de um farmacêutico ao apresentar dúvidas sobre o medicamento que pretende fazer uso (tabela3). Em relação ao atendimento prestado por estes profissionais 30 pessoas (38%) avaliam como excelente, 27 pessoas (34,2%) classificam como muito bom o atendimento recebido, 14 pessoas (17,7%) se referem ao atendimento como bom e 8 participantes (10,1%) avaliam como regular o atendimento recebido.

Tabela 3 - Procura por orientação ao apresentar dúvidas sobre a medicação

	n	%
As vezes procuram orientação	42	52,5
Sempre procuram orientação	31	38,8
Nunca procuram orientação	7	8,7
	80	100

Fonte: Os autores

5 DISCUSSÃO

Este estudo evidenciou alta ocorrência da ingestão de fármacos sem prescrição ou orientação de um profissional habilitado (77,1%), fato que pode ser explicado em partes pela grande quantidade de farmácias comerciais na região, o que proporciona ao paciente maior facilidade ao acesso e obtenção de medicamentos. A organização mundial de saúde (OMS) estima como ideal a proporção de um estabelecimento de farmácia para cada 8 a 10 mil habitantes (MARTINS et al., 2011), e a região estudada obtêm uma proporção de 1 farmácia para cada 1563 habitantes (CRF-PR, 2022). Em estudos semelhantes a

ocorrência da automedicação foram de 92,7%, 66% e 65% dos participantes (MARTINS et al., 2011; PEREIRA JR, et al., 2013; AQUINO et al., 2010).

A busca por medicamentos por conta própria nos 30 dias que antecederam a pesquisa, ocorreu com maior frequência em mulheres jovens de 18 a 33 anos, o que pode estar atribuído ao maior autocuidado demonstrado pela mulher em todas as fases da vida e ao maior direcionamento de políticas públicas para o público feminino (AQUINO et al., 2010). Em contrapartida, adultos de 50 a 65 anos de idade demonstraram uma menor ocorrência de automedicação, provavelmente por seus tratamentos terapêuticos serem delimitados, diminuindo a necessidade desta prática (ARRAIS et al., 2016).

Grande parte dos participantes que relataram se automedicar, apontam sintomas apresentados em outros momentos e sintomas considerados leves como principais fatores para a ingestão de medicamentos sem a orientação de um profissional. A reutilização de prescrições antigas pelo paciente por apresentar sintomas semelhantes e/ou eficácia no tratamento anterior, foi apontado em outros estudos como sendo uma das principais causas da automedicação (AQUINO et al., 2010; PEREIRA JR et al., 2013).

Os resultados deste estudo demonstram que dores, alergias, azia e má digestão são os principais sintomas que levaram a ingestão de medicamentos de forma indevida, demonstrando que analgésicos, anti-inflamatórios, relaxantes musculares e medicamentos que agem sobre o trato gastrointestinal são os mais utilizados pela população estudada. Um estudo conduzido por Arrais et al. (2016) demonstra que os analgésicos e AINES são amplamente utilizados na prática da automedicação pois aliviam dores cotidianas com eficiência, porém podem causar a cronificação destas dores com o uso prolongado. Além disso, o uso indiscriminado destas substâncias, principalmente os AINES, podem causar interações medicamentosas, distúrbios gastrointestinais, elevação da pressão arterial e problemas renais (SOUZA et al., 2021).

Ansiedade, estresse e insônia também foram colocados como causa para o uso de medicamentos sem prescrição médica ou orientação de um profissional habilitado, fato que pode estar correlacionado com o período vivido frente a pandemia mundial de COVID-19. Segundo Souza et al. (2021) durante e após a pandemia percebeu-se aumento na ocorrência de complicações mentais, ansiedade, estresse e insônia ou exacerbação destes sintomas em pacientes já diagnosticados. A pandemia do COVI-19 também parece ter contribuído para a grande ocorrência da automedicação demonstrado neste estudo, visto

que 72,5% dos participantes notaram um aumento na frequência com que utilizam fármacos sem uma prescrição médica após o início da pandemia.

O farmacêutico é um profissional de extrema importância para a sociedade, pois possui amplo conhecimento sobre questões técnicas, científicas e éticas, principalmente voltadas para o uso racional de medicamentos (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2015). Muitas vezes o farmacêutico é o primeiro profissional procurado pelo paciente, provavelmente pela facilidade de acesso e da possibilidade de aconselhamento e resolução do problema de forma rápida, segura, gratuita e de total confiabilidade. Apenas 38% dos participantes classificaram o atendimento recebido por estes profissionais como sendo excelente, expondo a necessidade e a importância deste profissional transmitir confiabilidade, respeito, atenção e acolhimento ao paciente durante o atendimento.

A maior parte dos entrevistados ocasionalmente buscam orientação ao apresentar dúvidas sobre algum medicamento que faz ou pretende fazer uso, demonstrando que geralmente ingerem substâncias sem conhecimento adequado, caracterizando o uso irracional de medicamentos. Atrelado a este fato, os resultados deste estudo demonstraram que 16,3% dos participantes apresentaram reações adversas ao praticar a automedicação, expondo uma das principais problemáticas desta prática.

6 CONCLUSÃO

O presente estudo demonstra a alta prevalência da automedicação em adultos, principalmente do sexo feminino, residentes em Maringá – Paraná e região metropolitana, reforçando a necessidade da criação de campanhas e políticas públicas que visem a diminuição desta prática e conscientização da população sobre os riscos inerentes a automedicação. Simultaneamente, os resultados obtidos acerca das reações adversas corroboram com a imprescindibilidade da elaboração de projetos que busquem alertar e orientar sobre os perigos atrelados ao uso irracional de medicamentos. Sintomas já apresentados em outros momentos foi o fator mais correlacionado pelos participantes para a busca de medicamentos sem prescrição médica. Quanto aos sintomas, dor de cabeça foi o sintoma que mais levou os entrevistados a se automedicarem, dado que merece atenção visto que dores de cabeça constantes podem ser indicativos de outras patologias que podem ser mascaradas com a ingestão de analgésicos. Grande parte dos participantes notaram um aumento na frequência com que utilizam medicamento sem indicação de um profissional habilitado após a pandemia, fato que pode estar ligado a sensação de

segurança a prática da automedicação gerada neste período. O farmacêutico foi considerado um profissional de extrema importância para a sociedade por todos os participantes da pesquisa, porém poucas pessoas sempre buscam orientação deste profissional ao apresentar dúvidas sobre medicamentos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. R. S.; SANTOS, J. C.; COUTO, G. B. F.; SANTOS, J. M.; PEREIRA, R. A.; DIAS, A. K.; MARKUS, G. W. S.; SILVA, K. C. C. Automedicação entre universitários da área da saúde no interior do Tocantins. *Scire Salutis*, v.11, n.3, p.108-117, 2021. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2236-9600.2021.003.0014>.

AQUINO, D.S.; BARROS, J.A.C.; SILVA, M.D.P. A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. 5ª ed.: *Ciências & Saúde Coletiva*, 15: 2533-2538, 2010.

ARAÚJO JÚNIOR, Ayrton Galvão de. Et al. Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. *Arq. Odontol.*, Belo Horizonte, 57: e04, 2021.

ARRAIS, P.S.D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. Fortaleza, Ceará. *Revista Saúde Publica*. 2016;50(supl 2):13s.

BRASIL. LEI Nº 5.991, DE 17 DE DEZEMBRO DE 1973. Cap. I. art. 4º.
BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Consulta Pública nº 95. Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2001.

CRF-PR. Conselho Regional de Farmácia do Estado do Paraná. Diretrizes e plano de fiscalização anual (PFA) 2022. Página 15 de 57. Disponível em: https://www.crf-pr.org.br/uploads/pagina/42097/Es26A_FzE6WiQznJ4Xy5NFdkDGgR-baQ.pdf > acesso em 13 de setembro de 2022.

DOMINGUES, P.H.F. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, 26(2):319-330, abr-jun 2017.

FERNANDES, W.S.; CEMBRANELLI, J.C. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. *Revista Univap*, [S. l.], v. 21, n. 37, p. 5–12, 2015. DOI: 10.18066/revistaunivap.v21i37.265.
MARTINS, M.C.C. et al. Uso de medicamentos sem prescrição médica em Teresina, PI. Paraíba, PI: *ConScientiae Saúde*, 2011; 10(1); 31-37.

NETO, N.B.; Silva, V.M.; AZZOLIN, G.B., DESUCHLE, V.C.K.N. Avaliação do conhecimento dos estudantes da área da saúde sobre o descarte e uso racional de medicamento. *Holos*, 37(1). 1-15, 2020.

PEREIRA JÚNIOR, A.C.; TELLES FILHO, P.C.P.; AZEVEDO, D.S.S. Automedicação: consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem. *Revista enfermagem UFPE online: Recife*. 7(6):4472-8, jun. 2013.

SCHMID, B.; BERNAL, R.; SILVA, N.N. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. *Revista de Saúde Pública online*, v. 44, n. 6, pp. 1039-1045, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000600008>>. Epub 04 Jan 2011. ISSN 1518-8787.

SHALINI, A.; LOGARAJ, M. Prevalence and determinants of self medication use among the adult population residing in a sub urban areas near Chennai, Tamil Nadu. *Journal of Family Medicine & Primary Care*, [s. l.], v. 10, n. 5, p. 1835–1838, 2021. DOI 10.4103/jfmpe.jfmpe_1615_20.

SOUZA, J.S. et al. Percepção sobre a automedicação: saúde versus riscos associados. 2^a ed: vol.24, pp61-67: *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research*; 2018.

SOUZA, A.F. et al. COVID-19: Automedicação de indivíduos psicologicamente afetados. *Revista Brasileira de Desenvolvimento*, [S. l.], v. 7, n. 1, pág. 2721–2731, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n1-185.